

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS

A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Prof^a Dr^a Patrícia Vasconcelos Almeida

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol III / Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-26-2

DOI 10.37572/EdArt_280121262

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Almeida, Patricia Vasconcelos

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O volume 3 do livro ***“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”*** se organiza a partir do diálogo entre discurso e objetos culturais e possibilita refletir sobre a construção de sentido nos diferentes discursos e saberes que entremeiam a sociedade. A construção de sentido é rio que corre, que flui, que retorce e que encontra pedras e, ainda assim, segue seu curso em busca do mar e do todo que o compõe. De forma análoga ao rio, também o discurso segue seu curso e se constitui a partir de múltiplas vozes, situadas em um contexto político histórico e social. Vozes que se orquestram, que possibilitam o embate e que provocam o debate. Essas vozes dialogam, ainda, acerca da literatura e de outras linguagens, evidenciando um trabalho com a língua(gem) em suas diferentes manifestações. Essas diversas produções artístico-culturais evidenciam a diversidade de saberes, a riqueza de identidades e de culturas e provocam encantamentos. Como bem postula Calvino (1995, p.39), “a literatura como função existencial” pode bem representar “a busca da leveza como reação ao peso do viver”. Assim, em uma dimensão ética e estética da produção, difusão e circulação dos textos e dos discursos na sociedade, o sentido engendra-se como uma co-construção, alicerçada no contexto, nas estruturas linguísticas mobilizadas e na análise das múltiplas vozes, dos valores, das crenças e ideologias que entremeiam os dizeres. Dessa forma, os textos que compõem este terceiro volume convidam o leitor à reflexão e contribuem para uma discussão profícua sobre discursos, literatura, tecnologias e objetos culturais.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

DISCURSOS E OBJETOS CULTURAIS

PARTE 1: DISCURSO, DISCURSOS

CAPÍTULO 1 1

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE PASTORES NO PARLAMENTO BRASILEIRO:
COMO O DISCURSO ALIMENTA O ÓDIO.

[Yuri Barbosa de Morais Pessoa](#)

[Ana Paula Rabelo](#)

[Patrício Carneiro Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212621

CAPÍTULO 2 20

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE
MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

[Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212622

CAPÍTULO 3 32

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO
DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

[Dayse Alfaia](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212623

CAPÍTULO 4 48

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA
DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

[María del Pilar Cobo González](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212624

CAPÍTULO 5 65

FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO POLÍTICA: UMA ANÁLISE DE
COMENTÁRIOS *ONLINE*

[Rainhany Karolina Fialho Souza](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212625

CAPÍTULO 6 81

DISCURSOS E USOS DO APLICATIVO *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POR PROFESSORES DE LÍNGUAS DO IFTM

[Mariana Nuccitelli Simões](#)

[Welisson Marques](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212626

CAPÍTULO 7 91

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

[Fabrício José da Silva](#)

[Rosângela Rodrigues Borges](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212627

CAPÍTULO 8..... 110

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

[Emilas Darlene Carmen Lebus](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212628

CAPÍTULO 9 124

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

[Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212629

CAPÍTULO 10..... 136

TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

[José Aelson da Silva Júnior](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126210

PARTE 2: LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

CAPÍTULO 11..... 149

POEMAS METALINGÜÍSTICOS PARA CRIANÇAS: ESTILOS DE SE CONCEBER E ENSINAR POESIA

[Ana Elvira Luciano Gebara](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126211

CAPÍTULO 12	159
A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS	
Ana Carla de Azevedo Silva Verônica Maria de Araújo Pontes	
DOI 10.37572/EdArt_28012126212	
CAPÍTULO 13	173
OS SENTIDOS E O ESTILO DE CACASO EM <i>GRUPO ESCOLAR</i>	
Guaraciaba Micheletti	
DOI 10.37572/EdArt_28012126213	
CAPÍTULO 14	190
A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM <i>LEÃO-DE-CHÁCARA</i> E O <i>GUARDADOR</i> , DE JOÃO ANTÔNIO	
Beatriz Meneses do Nascimento Maria Eneida Matos da Rosa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126214	
CAPÍTULO 15	200
AUTOCONSTRUCCIÓN EN <i>DOS VECES JUNIO</i> DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA	
María Angélica Vega	
DOI 10.37572/EdArt_28012126215	
CAPÍTULO 16	208
AS LÍNGUAS COMO PONTES: ABORDAGEM DA INTERCULTURALIDADE E DO PLURILINGUISMO LITERÁRIO EM PLE	
Isabelle Simões Marques	
DOI 10.37572/EdArt_28012126216	
CAPÍTULO 17	219
LEITURA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA COM CRÔNICAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA	
Eliene Cristina de Jesus Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126217	

CAPÍTULO 18	234
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCENDÊNCIA DA MÚSICA ARMORIAL NA CONTEMPORANEIDADE: MUDANÇA E CONTINUIDADE	
Marília Paula dos Santos Carlos Sandroni	
DOI 10.37572/EdArt_28012126218	
CAPÍTULO 19	243
ALÍCIA VEGA E O TALLER DE CINEMA PARA CRIANÇA: ESPAÇO DA ALEGRIA, DA EMOÇÃO E DA ARTE.	
Verônica Pacheco O Azeredo Inês Assunção de Castro Teixeira	
DOI 10.37572/EdArt_28012126219	
CAPÍTULO 20	253
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE FORMAÇÃO E DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	
Maria dos Anjos Pereira Rodrigues Lorena Michelle Bonifácio dos Santos Danilo Bizinotto Borges Vinícius Fonseca Maciel Felipe Mendes Marques Mateus Rosa Machado Júnior	
DOI 10.37572/EdArt_28012126220	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	263
ÍNDICE REMISSIVO	264

CAPÍTULO 3

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

Data de submissão: 10/12/2020

Data de aceite: 21/12/2020

Dayse Alfaia*

Doutoranda em Linguística com
especialidade em Análise do Discurso,
Universidade de Évora, Portugal.

Mestre em Ciências da Linguagem,
FCSH. Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

* Autora da obra: “Como argumentam os políticos?
Estratégias Linguísticas e Discursivas”

Editora Colibri (ISBN 978-989-689-607-2)/ www.amazon.com; tem-se dedicado a diferentes congressos, nos quais profere comunicações a respeito de seu tema de estudos, especificamente o discurso de posse presidencial e a entrevista política.

RESUMO: Pretende-se, neste artigo, abordar alguns aspectos teóricos a respeito do Discurso Político, que serão verificados em alguns excertos de dois discursos oficiais pronunciados no Brasil, com o intuito de abordar, ao nível da Língua e do Discurso, as idiossincrasias de dois ex-presidentes da República, nomeadamente Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Roussef. Serão verificados os efeitos da palavra *mudança* e como alguns derivados do verbo mudar revelam uma estratégia de dominação política, tendo em conta o agir sobre o outro,

através das emoções, que são inerentes ao discurso, fundamentadas, também, em umas das provas de argumentação da retórica clássica, nomeadamente o *ethos* e o *pathos*, que estarão estritamente relacionados aos aspectos socio-político-históricos dos *ethé* oficiais supramencionados.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso Político, mudança, emoções e argumentação.

ABSTRACT: In this article, we intend to examine some theoretical aspects regarding the Political Discourse, which will be verified in excerpts from two official discourses pronounced in Brazil, in order to address, at the level of Language and Discourse, the idiosyncrasies of two ex - Presidents of the Republic, namely Luís Inácio Lula da Silva and Dilma Roussef. The effects of the word change will be verified and as some derivatives of the verb change reveal a strategy of political domination, taking into account the action on the other, through the emotions, which are inherent in the discourse, also based on some of the proofs of classical rhetoric, namely *ethos* and *pathos*, which will be strictly related to the socio-political-historical aspects of the official *ethé* mentioned above.

KEYWORDS: Political speech, change, emotions and argumentation.

A ORIGEM DO DISCURSO POLÍTICO NO ÂMBITO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Conforme afirma Courtine (2006, p. 60), o “discurso político se tornou (...) o único objeto da análise do discurso que, subitamente, se desenvolveu na França”, nos anos de 1970. Entretanto não podemos deixar de salientar que o *texto* não tinha seu lugar como objeto de estudo em outros países, bem como nos Estados Unidos da América e na Alemanha, por exemplo, na qual “(...) tentativas foram feitas para construir gramáticas de textos (...) que prenunciavam o fio do discurso” (Courtine, 2006, p. 61). Na realidade, muitas questões relativas ao discurso, tornaram-se parte do interesse de estudos linguísticos, nas décadas de 1950 e 1960, ainda que saibamos que, na Antiguidade Clássica, já havia estudos relativos ao discurso, como foram abordados por Aristóteles e que serão, futuramente, aqui, evidenciados.

Portanto, para se falar também da origem do discurso, seria preciso referenciar um dos teóricos mais importantes, no que toca à Análise do Discurso, na atualidade, designadamente Dominique Maingueneau (2005, p. 189), que tratou a gênese dos discursos como eixo teórico, a fim de serem entendidos determinados elementos como “enunciado e enunciação, linguagem e contexto, fala e ação”, constituintes essenciais para se perceber o processo do discurso em função da língua. Na generalidade, segundo o autor, os discursos são definidos “como integralmente linguísticos e integralmente históricos” (Maingueneau, 2005, p. 24-25). Em outras palavras, não pode haver, como já fora mencionado, indissociabilidade entre a língua e toda a situação, nela envolvida, como, por exemplo, as instituições sociais, os próprios valores histórico-sociais de um determinado sujeito falante que interage, que enuncia sua fala e até mesmo quando é interpelado a interagir, no momento da comunicação. Para Charaudeau e Maingueneau (2012, p. 193), essa tese “(...) constitui o pivô da relação entre língua e o mundo: por um lado permite representar fatos do enunciado, mas, por outro lado, constitui por sim mesma um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço”.

É preciso também reconhecer que “o discurso é o fundador da língua” (Charaudeau, 2009, p. 310), porque é justamente através da identidade social ou da identidade discursiva, oriunda de um determinado interlocutor, que se constrói o processo enunciativo. Em contrapartida, se pensarmos o oposto, isto é, que é a língua quem produz o funcionamento do discurso, isso levar-nos-ia a crer que o sujeito falante não se define diante do outro, em virtude da discursividade. Em outros termos, o discurso é que seria produzido pela linguagem. O sujeito interactante, com seus respectivos conhecimentos prévios, partilhados, conhecimentos de mundo, produz, por sua vez, a competência da linguagem. A partir do constituinte discurso, o autor considera um conceito que “(...)

integra o histórico à noção de competência (...) e, por esta razão, ele determina aquilo que foi efetivamente dito para aquilo que pode ser dito” (Maingueneau, 2005, p. 51). Ora, tudo o que surge, enunciativamente, de um sujeito falante determina o que ainda se dirá, porque para o autor “o sujeito é fonte de sentido”. De certa forma, todo sujeito falante interage com um interlocutor. E neste trabalho interessa verificar como determinadas personalidades políticas usam a língua, por intermédio do discurso, como estratégias de dominação ideológica. Para isso, será preciso percebermos o funcionamento do discurso, em virtude da argumentação política.

A ARGUMENTAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO DISCURSO

No que tange os aspectos da argumentação, será importante voltar, ainda que de forma sucinta, aos meandros da retórica clássica para se perceber os estudos que deram origem àqueles mais atualizados sobre este tema – a argumentação – que “será sempre parte integrante do discurso em situação” (Amossy, 2007, p. 121).

Em conformidade com os elementos teóricos supramencionados, referenciam-se, aqui, aos estudos sistematizados de Aristóteles, que nos fará compreender o modo como esse “discurso” possui uma estreita com a linguagem em uso, tendo em conta um auditório que é representado pelo receptor da mensagem. Isso ratifica a proposta deste trabalho que é a de evidenciar estratégias linguísticas e discursivas, num *corpus* constituído de dois discursos oficiais, nos quais existem um emissor da mensagem, um receptor da mensagem e a mensagem propriamente dita. É possível, portanto, salientar que os interlocutores são (co) participantes e interagem numa espécie de cenário de relações sociocomunicativas. Vale dizer que o termo “emissor”, no âmbito da semiótica, da pragmática¹ ou da Análise do Discurso “continua a ser usado por comodidade (...). Entretanto o emissor é identificado como um sujeito munido de *intencionalidade discursiva* (...) e investido de um projeto de fala” (cf. Charaudeau & Maingueneau (2012, p. 184, grifo meu). “Sendo assim, todas as pessoas, de alguma forma, tentam arguir, sustentar, defender-se ou acusar, construindo um processo (...) que percorre as relações da interação sociocomunicativa, no seio da vida humana – a *argumentação*” (Alfaia, 2016, p. 13). Para Aristóteles (2005, 1556b) “Persuadimos pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece verdade (verossimilhança), a partir do que é persuasivo em cada caso particular”. Daí, termos, segundo o filósofo, o objetivo de serem construídas algumas provas de persuasão (ou argumentação persuasiva): o *ethos* e o *pathos*.

¹ Os termos semiótica e pragmática, embora tenham importâncias teóricas, foram usados apenas para fazer referência à citação correlacionada, entretanto não é proposto abordá-los neste artigo, especificamente.

Em continuidade aos trabalhos de Aristóteles (séc. III a.C.), no séc. XX, dois autores do meio francófono, nomeadamente Perelman & Olbrecht-Tyteca ([1956] 2005), abordaram questões bastante densas sobre estudos relacionados à argumentação/persuasão, na obra intitulada *Tratado da argumentação: a nova retórica*², mas não podem ser considerados estudos de “cariz linguístico”, propriamente, porque “os caminhos explorados” pelos autores apresentam a particularidade de se enraizarem num pensamento filosófico retomado da teoria Aristotélica, embora desbravando novos rumos (cf. Coelho, 2005). Significa dizer que os princípios teóricos sobre persuasão de Perelman & Olbrechts-Tyteca servirão de contributo à análise do *corpus*, na medida em que os discursos, futuramente analisados, constituem textos³ que têm como foco elencar recursos verbais e discursivos com intenção de persuadir o outro a uma determinada ideia, através do enunciado.

A importância de se ter recorrido a uma breve referência à argumentação persuasiva permitir-nos-á compreender a função crítica da linguagem que, segundo Amossy (2007, p. 122), “por sua natureza dialógica, o discurso comporta com qualidade intrínseca à capacidade de agir sobre o outro, de influenciá-lo”. Como cada locutor/interlocutor desenvolve seu papel discursivo, socialmente, em todas as esferas do que chamamos de Ciências da Linguagem⁴, como já foi referido, é mister afirmarmos que “o discurso também pode ser desencadeador de emoções e sentimentos”, na visão teórica de Charaudeau (2007, p. 240). Por esta razão, será desenvolvida, mais à frente, nos enunciados dos discursos oficiais do Brasil, a intencionalidade de emocionar o outro através dos valores socio-político-culturais das respectivas personalidades políticas. Tendo em vista que o enunciador é uma representatividade de um *ethos* em situação, por meio de seus valores morais, vejamos, a seguir, como este elemento teórico serve de prova argumentativo-persuasiva no contexto da língua.

Significa dizer, em outros termos, que o funcionamento da linguagem em uso é indissociável ao discurso que, por sua vez, é inerente à argumentação. Também vale recordar que não se pode dissociar o discurso das Ciências da Linguagem. Conforme descreve Charaudeau (2009, p. 309), “não há sociologia, nem psicologia social, nem antropologia que não levem em conta os mecanismos linguageiros”. E poderíamos

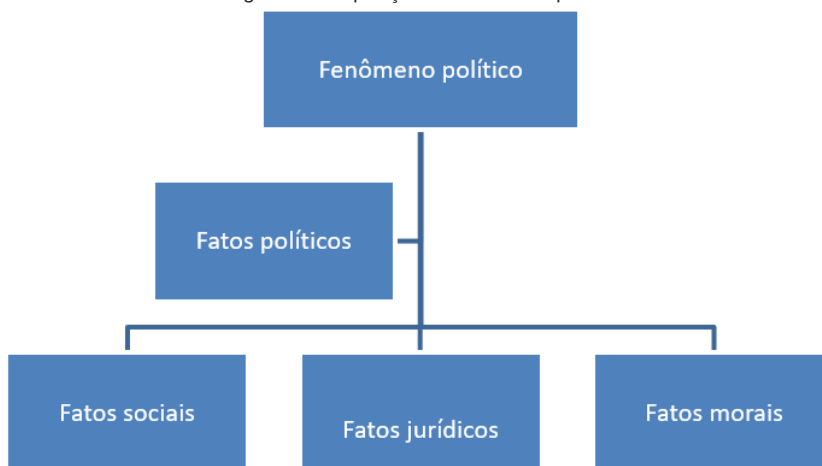
² Esta obra foi publicada originalmente em francês com o título *Traté de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*, na Bélgica em 1958.

³ Os termos *discurso* e *texto* serão utilizados com igual valor de significação, uma vez que os discursos políticos, como objeto de análise, constituem-se, em sua dimensão linguística, no âmbito deste trabalho. É importante ressaltar que os discursos serão analisados somente no contexto da escrita, ainda que, pontualmente, possa haver alguma tendência a serem verificados aspectos da oralidade.

⁴ As Ciências da Linguagem têm seu lugar e importância neste trabalho, sem qualquer intenção de teorizar as distintas ciências propriamente, mas, sim, de salientar a indissociabilidade entre elas e o Discurso. Aliás, quer as disciplinas humanas, quer as ciências que estão relacionadas às disciplinas exatas, também propõe, indubitavelmente, uma relação estreita com a linguagem.

ainda afirmar que não há qualquer ciência que não faça recorrência aos mecanismos da linguagem, porque esta, como ato de discurso, será sempre um ponto de partida para que ocorra concretamente a língua em uso. O questionamento mais ideal, conforme estudos a respeito do discurso político do linguista supracitado é: “onde se situa o discurso?” No esquema, abaixo, é possível termos uma noção da importância de determinados fatores relacionados ao fenômeno político e que, por sua vez, se cruzam com determinadas disciplinas:

Figura 1 – Interpelações do fenômeno político



Fonte: adaptada de Charaudeau (2006, p. 251)

Para Charaudeau (2006, p. 252), “o fenômeno político é objeto de estudo de diferentes disciplinas: as Ciências Políticas (fatos políticos), a Sociologia (fatos sociais), o Direito (fatos jurídicos), a Filosofia política (fatos morais)”. Embora não se possa restringir algum domínio de estudo, segundo o autor, no tocante ao fenômeno político, é mister concluirmos que há uma proximidade entre essas disciplinas e o próprio discurso político, isto é, uma interdisciplinaridade, de modo que possamos entender o discurso numa (co) relação entre linguagem e ação. O autor ainda mostra como “a linguagem se junta à ação no discurso político e qual incidência há nas diferentes estratégias discursivas que se desenvolvem nesse campo” (Charaudeau, 2006, p. 252).

Quando tratamos o discurso político, não podemos deixar de verificar a ação e poder, de maneira que, nessa esfera, não existe ação desprovida de linguagem, nem mesmo ambas desprovidas de poder, ao evidenciarmos o fenômeno político. Em virtude desse fundamento teórico, será necessário referenciar os efeitos de dominação como estratégias linguísticas, bem como discursivas, como ponto nevrálgico para a análise do *corpus* a ser perscrutado nesse artigo.

EFEITOS DE DOMINAÇÃO: A POLÍTICA EM FUNÇÃO DA ESTRATÉGIA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

Toda estratégia enunciativa influencia um determinado interlocutor/enunciário, e, por este motivo, deve-se dar total importância às estratégias, no âmbito do discurso político. Como teoriza Jean-Michel Adam, verifica-se que, algumas vezes, o ator político sustenta seu discurso em “vozes” de prestígio social. Muitas vezes, ele fundamenta-se em vozes merecedoras de credibilidade. A introdução de uma voz pode servir para “subsidiar a construção de uma imagem de político honesto” (cf. Adam, 2010, grifo meu, pp. 157-158).

Essa fundamentação teórica também se baseia no chamado Ponto de Vista (PDV), estudado por Alain Rabatel que diz o seguinte: “o PDV, antes de ser um conceito linguístico, é, primeiramente, uma postura cognitiva e psicossocial, que leva o indivíduo a se colocar no lugar do outro (...) para poder melhor retornar ao seu” (Rabatel, 2016, p. 29). Com esta importante citação do autor, levamos a crer que todo enunciador político, de uma maneira ou outra, usa como estratégia linguística ou discursiva o ato de linguagem como um agir sobre o outro, usando, aqui, as palavras de Patrick Charaudeau. Seria, portanto, “colocar-se no lugar do outro”, uma marca do discurso político? Vale afirmarmos que o gênero de texto⁵ Discurso de Tomada de Posse (doravante DTP), por exemplo, não dispensa o PDV ou o que Jean-Michel Adam considera como responsabilidade enunciativa? Essas questões de investigação têm seu lugar, neste trabalho, como forma de estratégias de dominação, mas também nos servirá de apoio teórico para ratificarmos a ideia de que linguagem e ação são parte inerentes a um determinado sujeito que se espelha no outro para construir um processo enunciativo. Esta é, indubitavelmente, a forma como se dá a construção do *ethos* repercutindo no outro algum efeito linguístico-discursivo, por meio do que Aristóteles tratou em sua obra Retórica como *pathos*, embora fosse ainda somente no âmbito da oralidade.

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* E DO *PATHOS*

Considerada sob diferentes perspectivas teóricas, será evidenciado, aqui, a questão do *ethos* sob a visão aristotélica, fonte teórica inicial no desenvolvimento deste trabalho. Neste sentido, observemos como Charaudeau & Maingueneau (2012) definem o *ethos* numa relação com a retórica:

O *ethos* faz parte com o *logos* e o *pathos*, da trilogia aristotélica dos meios de prova (...) e trata-se, através dos estudos de Aristóteles, da imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real, *adquirindo*,

⁵ Cf. mais detalhes teóricos em Coutinho (2003) sobre a complexidade do gênero. Para este trabalho, adotou-se o gênero de texto e não gênero de discurso, porque, a *priori*, num texto, aquilo que vemos é o código linguístico para que depois possamos analisar os meandros do discurso.

portanto, um duplo sentido: por um lado designa as virtudes morais que garantem a credibilidade do orador (...); por outro, *um fator ligado às dimensões sociais desse orador que está relacionado à forma como ele tenta persuadir o interlocutor, em virtude do seu estatuto moral e também social* (p. 220 – grifo meu).

Sob esta perspectiva da retórica, é importante considerarmos que a identidade social do locutor, num determinado discurso, é vista como uma questão chave para identificar a forma como ele se expõe aos outros, mas, por outro lado, como um determinado interlocutor o vê nesta espécie de demonstração do eu. Maingueneau (2005) retomou e elaborou o *ethos* retórico, que, em *Análise do Discurso*, deverá ser considerado pelo autor como uma manifestação da posição social, mas também pelo que ele traduz na “voz” e no “corpo” (cf. Charaudeau & Maingueneau, 2012: 220). Já para Adam (2010), o *ethos* poderá se basear na construção de um exemplo factual (circunstancial) ou inventado, como modo de persuasão para se tentar explicar a verdade. Para o autor, a noção de *ethos* vai além do que era, na retórica clássica, desenvolvida somente no âmbito da oralidade, mas na percepção de Maingueneau, em seus estudos teóricos, as questões discursivas estão relacionadas aos “enunciados orais, escritos, visual, ou verbo-visual, representando uma pessoa ou até mesmo uma ou varias instituições” e ainda afirma o autor que “não existe um *ethos* pré-construído, *que, por sua vez, é construído no âmbito da atividade discursiva*” (Maingueneau, 2005, p. 67 – grifo meu).

Essa teoria de Maingueneau sobre o *ethos* poderá, sim, constituir-se, não somente através dos valores morais pré-estabelecidos dos *ethé*, em momento de enunciação, mas também de tal maneira que percebamos uma suposta intencionalidade de um determinado locutor/enunciador, quando necessária a produção do discurso com o seu respectivo interlocutor/enunciatário. Portanto, é possível que exista um *ethos* pré-construído e poder-se-á verificar esta afirmativa nos DTP, futuramente analisados, quando uma personalidade política constrói seu discurso, por exemplo, fundamentado numa imagem/caráter construídos de acordo com diferentes situações, ainda que não seja uma regra de construção do *ethos*.

Conforme ratifica o próprio Aristóteles (2005, p. 1355 b), “persuade-se pelo caráter, quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé”. O caráter de um certo enunciador poderá, indubitavelmente, ser desenvolvido de acordo à intencionalidade, muitas vezes externado com o intuito de provocar emoções no auditório, tendo em conta o *pathos* que, em *Análise do Discurso*, “(...)esta noção é, às vezes, utilizada para assinalar as discursivizações que funcionam sobre os efeitos emocionais com fins estratégicos” (cf. Charaudeau & Maingueneau 2012, p. 372). São estes fins estratégicos que revelam um *ethos* em função do *pathos*, tendo em conta

o funcionamento da Língua e o Discurso. Daí a importância de se perceber o sentido das emoções/sentimentos⁶ através de um determinado discurso em uma situação de comunicação.

AS EMOÇÕES COMO EFEITOS ESTRATÉGICOS, NO ÂMBITO DO DISCURSO POLÍTICO

Ao descortinarmos a intencionalidade estratégica linguística e discursiva encontrada nos enunciados de um determinado discurso político, imaginamos um cenário, um momento, um locutor/enunciador⁷, através dos quais serão construídas as análises, no âmbito metodológico escolhido, mais adiante. Para além deste pressuposto teórico, no momento do Discurso Político, isto é, as emoções como estratégias de persuasão, será preciso abordarmos o sentido que traz um enunciado, por meio da intencionalidade do enunciador político, culminando a repercussão causada no enunciatário. Por esta razão, vale salientar, *a priori*, a importância do sentido do *pathos*, que, segundo o próprio Charaudeau (2007, p. 1) é uma noção que se correlaciona com as emoções e com os sentimentos.

O autor se restringe a desenvolver teoricamente a importância das emoções *versus* sentimentos, e não especificamente do *pathos* ou do *ethos*, nestes estudos, cujas referências foram devidamente mencionadas, em outro tópico. Segundo Charaudeau, (2007, p. 1), “pode-se dizer que as emoções ou os sentimentos estão ligados às crenças⁸”, mas especificamente, para o autor, as emoções estão ligadas às questões morais (idem p. 1) e se manifestam em um sujeito interactante que faz suas inferências dos enunciados dos respectivos discursos pronunciados.

Conforme teoriza Charaudeau, numa perspectiva da Análise do Discurso, os sentimentos não são provas de autenticidade, por meio de um discurso. Em outras palavras, não é através dos sentimentos que se pode rebater as ideias contidas no discurso. O autor os define com estas palavras exatamente: “O que é sentido nunca é refutável”, entretanto relativamente a um determinado discurso, que visa produzir emoções no auditório, “é por si próprio contestável” (Charaudeau 2007, p.1).

⁶ Vale lembrar que os conceitos de “emoções e sentimentos”, à luz da psicologia, não serão desenvolvidos, neste trabalho, mas sim, o sentido estrito de ‘emoção e sentimento’ como sensações relativas às crenças particulares dos interlocutores.

⁷ Embora alguns autores considerem os termos, segundo suas perspectivas teóricas, para este artigo será considerada a palavra ‘enunciador’, ainda que eventualmente surja o termo ‘locutor’.

⁸ Para Charaudeau, essas crenças estão estritamente relacionadas ao que ele chama de desejabilidade de um determinado grupo social (Cf. Charaudeau, 2007, p. 1).

A ANÁLISE DO DTP DE LULA: PERCEBENDO O CONTEXTO BIOGRÁFICO

Primeiramente, seria importante entendermos o contexto histórico biográfico do ex-presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, que nasceu em Caetés, Estado do Pernambuco, no ano de 1945, vindo ele de uma família extremamente humilde. É político, ex-sindicalista e ex-metalúrgico e por liderar greves na década de 1970 e 1980, foi preso sob o regime militar da época. Segundo o *site* do Instituto Lula, ainda jovem foi torneiro mecânico e logo ingressou em movimentos sindicalistas dos quais foi ele presidente já aos 30 anos de idade. Depois de liberto de uma prisão devido a sua participação a movimentos grevistas, ele retoma às atividades sindicais e políticas e funda, por sua vez, o Partido dos Trabalhadores (PT), considerado, na época, o mais importante partido político da redemocratização. A partir da década de 1990, resolve candidatar-se à presidência da República do Brasil, e, após três campanhas eleitorais frustradas, foi finalmente eleito em 27 de novembro de 2002. Neste contexto político, Lula pronunciou-se, através de um discurso de tomada posse, no dia 01 de janeiro de 2003, discurso este que será, aqui, analisado, tendo em conta os objetivos deste trabalho.

O CASO DA PALAVRA MUDANÇA... A ESPERANÇA VENCEU O MEDO

Vejamos, de forma mais completa, o excerto do discurso do ex-presidente Lula que ressalta a questão da palavra “mudança” para que possam ser exploradas as marcas linguísticas e discursivas, em função, também, das questões de ordem contextuais/situacionais:

Mudança: esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos. Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo (...) do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a sociedade brasileira escolheu *mudar* e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária (...). Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para *mudar*. (Brasil, 2003, p. 1).

Uma das questões que foram observadas no início do discurso do presidente Lula foi a enfática demonstração enunciativa da escolha de “mudança” de governo pelo povo brasileiro. O enunciador evidencia uma espécie de mote (intencionalmente) na forma de um substantivo – “mudança” – com o intuito de fazer o enunciatário recordar o antigo modelo político que, segundo ele, atrasou o crescimento social do país (“...um modelo que em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome...”). O

presidente intenciona, portanto, persuadir o interlocutor a perceber que tomou a decisão política mais sensata, afinal, foi por esta razão que o povo brasileiro o elegeu presidente da república (“porque a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária”).

AS EMOÇÕES COMO MECANISMOS LINGUÍSTICO-ESTRATÉGICOS

Mas por que a palavra “mudança” carrega, assim, um valor semântico tão relevante no discurso do ex-presidente Lula? Na verdade, consoante o período a seguir, o povo conseguiu vencer o medo, em favor da esperança (“A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.”). Há, nessas proposições enunciadas, um ‘implícito’ que traduz uma condição política no que toca à vida de Luís Inácio Lula da Silva, de maneira que, após passar por três derrotas eleitorais, venceu as eleições presidenciais do ano de 2002, o que de facto marcou um momento histórico na vida do povo brasileiro.

Embora tentasse, outrora, demonstrar suas ideias políticas de teor comunista (o que sempre provocou “medo” na sociedade), o presidente Lula muda o seu discurso político⁹, em toda a sua campanha, com o intuito de conquistar a confiança dos eleitores. Seria necessário construir um novo *ethos* político, em função da sua nova identidade social e discursiva para que essa nova imagem política repercutisse emoções e sentimentos nos eleitores de Luís Inácio Lula da Silva. É importante lembrarmos de que, na Nova Retórica, um dos fatores importantes no momento da argumentação é “(...) persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2005: 18). Para os gregos, “a imagem que o orador cria e mostra no momento da enunciação, a fim de convencer o auditório, não corresponde, necessariamente, à identidade dele, *de modo que os oradores, a fim de construir um ethos dominante, usavam recursos estratégicos extralinguísticos*” (Amossy, 2007, p. 10 – grifo meu). No caso histórico-político do ex-presidente Lula, em função do seu novo *ethos*, em seu terceiro mandato, percebe-se não só um novo discurso com o objetivo de ganhar as eleições, mas diferentes recursos, nomeadamente as indumentárias, por exemplo, para que causasse uma nova repercussão político-social merecedora de credibilidade.

⁹ Após as referidas três derrotas eleitorais, Lula opta por mudar o seu discurso (considerado como radical pelos eleitores) para um discurso mais moderado, o que proporcionou-lhe um *ethos* político mais condizente com as expectativas da sociedade brasileira, na época, conquistando, portanto a confiança da classe média e de uma parte do grupo empresarial. Assim, tem-se a imagem de um político representado por um *ethos* cujo *pathos* é, de facto, um mecanismo de persuasão para conduzir e seduzir os eleitores, pelas emoções.

UMA NOVA IDENTIDADE DISCURSIVA, EM FUNÇÃO DE UM NOVO *ETHOS*: O “FOME ZERO” E A “REFORMA AGRÁRIA”

Um dos maiores pilares das campanhas políticas do presidente Lula foi, sem dúvidas, o programa Fome Zero e a questão da reforma agrária, no Brasil. Em todas as suas campanhas presidenciais anteriores, o seu discurso era envolto na questão da divisão de terras para quem precisasse plantar e desenvolver uma agricultura de subsistência. Na realidade, nunca foi um projeto político¹⁰ apreciado pelos latifundiários que, assombravam-se com a possibilidade de ter parte de suas propriedades tomadas pelo governo para serem concedidas aos pequenos agricultores.

Em função do contexto político acima mencionado, vejamos, no próprio discurso de posse do então presidente, a forma como ele mudou o seu discurso sobre a questão da reforma agrária, em função de um *ethos* que tenta evidenciar um político portador de palavras mais moderadas, diferentemente daquele homem sindicalista de outros tempos, cujo discurso era de teor mais agressivo:

(...) Essa é uma história antiga. O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a fome; proclamou a independência nacional e aboliu a escravidão, mas não venceu a fome; conheceu a riqueza das jazidas de ouro, em Minas Gerais, e da produção de café, no Vale do Paraíba, mas não venceu a fome; industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim. Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivos de sobra para nos cobrirmos de vergonha. Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de Fome Zero. Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida.

O primeiro ponto a ser considerado, consoante a esta perspectiva de análise a que foi submetida, é o fato de o enunciador, a princípio, levantar uma questão de origem histórica (“Essa é uma história antiga. O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a fome”). Há aqui, uma intenção persuasiva no sentido de mostrar, por meio das emoções, que, desde o princípio da história agrária do Brasil, ainda que, com um grande desenvolvimento, no que toca à agricultura, não se pôde vencer a fome. Portanto, o problema maior do país, segundo o ex-presidente Lula – ele deixa implícito – não é o fato de se ter ou não riquezas, mas sim o fato de saber ou não distribuí-las, algo que ele próprio não teria problemas em equacionar, uma vez que definiu como prioridade em seu governo erradicar

¹⁰ Este projeto relativo à reforma agrária surgiu em 1984 com o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – através do qual foi questionado o fato de o Brasil possuir tantos latifúndios cujas posses eram destinadas a um pequeno grupo de poderosos como era no Brasil-colônia.

a fome, através de um programa social, nomeadamente “Fome Zero”. Aliás, conforme pode-se verificar em alguns enunciados do discurso do ex-presidente Lula: “se todos os brasileiros, ao final do seu mandato, tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar”, terá ele cumprido a missão de sua vida. Um *ethos* bastante conveniente para um país que exigiu *mudança*, perdeu o medo pleiteando a esperança de um ‘novo governo’ que, certamente, seria diferente dos governos anteriores, como descreve, Lula, em seu discurso oficial do ano de 2003. Percebamos, aqui como a indissociabilidade entre linguagem e ação, através de uma espécie de diálogo entre locutor e interlocutor, são, imprescindivelmente, importantes para que entendamos os efeitos de dominação quando se trata do *ato de linguagem* representado pelo “agir sobre o outro”.

ANÁLISE DE UM DISCURSO DE DILMA ROUSSEFF: SOBRE O CONTEXTO BIOGRÁFICO

Antes de iniciarmos a análise do discurso pronunciado na Câmara dos Deputados, das circunstâncias do discurso, no Parlatório, da ex-presidente Dilma Rousseff, conforme consta no Blog do jornalista Diniz Neto, considera-se importante apresentar uma breve biografia da ex-Chefe de Estado.

A trajetória política de Dilma Rousseff (doravante DR) iniciou-se em sua cidade natal em Belo Horizonte, onde nasceu em 1947. Seu primeiro cargo, em sua cidade foi o de Secretária Municipal da Fazenda e, na verdade, foi a primeira mulher secretária de Fazenda, primeira chefe da Casa Civil e primeira Presidente da República do Brasil pelo PT (Partido dos Trabalhadores), no ano de 2011. Sucedendo o presidente Luís Inácio Lula da Silva a quem trata por companheiro de luta, a ex-presidente Dilma esteve inserida, numa esfera política bastante conturbada, dois anos antes de findar seu mandato, em 2018. Esteve envolvida em escândalos do processo Jurídico/Polícia Federal “Lava Jato”, no qual foi acusada, juntamente com outros membros do PT, de desviar verbas da Petrobrás para benefício próprio. Ao passar por um processo de *Impeachment*, no ano de 2016, DR, que em 2011 foi eleita pela maioria do povo brasileiro, ainda lutou para reaver seu cargo oficial, no Palácio do Planalto, em Brasília.

A CONSTRUÇÃO DAS EMOÇÕES: OS LEXEMAS AFETIVOS E O DISCURSO FEMINISTA

No discurso pronunciado, a ex-presidente Dilma Rousseff baseou-se numa espécie de confecção enunciativa, no qual se pôde perceber um paralelismo/jogo de palavras, quando comparado ao discurso de tomada de posse do ex-presidente Lula.

Seria possível afirmar que houve alguma estratégia, no tocante ao que já foi referenciado: as emoções?

É claro que o ponto cerne da analogia enunciativa, para este artigo em particular, trata-se de discursos pronunciados no Brasil, onde o ato de linguagem se constitui em função das emoções com o intuito de causar repercussão, no outro, por meio de um sujeito interactante, que, por sua vez, é “fundado de intencionalidade” (Charaudeau 2007, p. 1). As questões histórico-sociais do país, no excerto abaixo, podem não fugir muito às regras de outros, no tocante aos discursos oficiais, entretanto o fundamento de um discurso político baseia-se, sim, numa forte intenção de emocionar o eleitor, revelando palavras as quais poderão permitir que o orador inspire emoções/sentimentos, pela ação discursiva.

Vejamos um excerto do discurso de Dilma Roussef para entendermos melhor a questões relativas aos lexemas afetivos, o que ratifica uma proximidade com seus eleitores, a veracidade social do Brasil, quando se trata de emoção, afetividade, e o paralelismo linguístico com o DTP do seu companheiro de partido, Luís Inácio Lula da Silva, que se pronunciou no ano de 2003. Vejamos como pode ser analisado este *corpus*, de modo a entendermos o tópico em evidência:

Queridas brasileiras e queridos brasileiros, minha emoção é muito grande. Minha alegria, também, por esta festa tão cheia de energia, de confiança e esperança. Sei que esta festa não é para homenagear uma candidata. Aqui se celebra, em primeiro lugar, a mulher brasileira! Aqui se consagra e se afirma a capacidade de ser e – e de fazer – da mulher (...). É também em nome delas que abraço esta missão conferida pelo meu querido partido, o PT, (...), que levou à Presidência um trabalhador, que provou que um novo Brasil é possível. Não é por acaso que depois deste grande homem, o nosso Brasil possa ser governado por uma mulher.

Neste excerto do discurso político de Dilma Roussef (e em todo o discurso) pode-se verificar, sobre o que foi analisado teoricamente, o sentido da palavra emoção como ponto nevrálgico e - porque não dizer - temático, quando se trata de estratégias linguísticas, causando no interlocutor uma repercussão afetiva, de extrema sensibilidade com o intuito de persuadir, politicamente, o outro.

Ao proferir, no princípio de seu discurso, os lexemas afetivos (*queridas, queridos, querido partido*), a enunciadora propõe-se mostrar emocionada, com o momento de sua vitória, ressaltar o poder da mulher com sua capacidade de vencer uma eleição presidencial, mas sobretudo de lembrar que essa mulher chegou ao poder após um grande homem. Verifica-se, ainda, no excerto acima, um implícito a respeito de um dito popular brasileiro: “Por trás de um grande homem sempre há uma grande mulher”. Na realidade, porque não fazermos uma inferência sobre as palavras de DR, quando diz que

“Não é por acaso que depois deste grande homem, o nosso Brasil possa ser governado por uma mulher”. A intenção legítima de seu discurso não poderá ter sido de um trocadilho reverso? “Por trás de uma (grande) mulher, sempre há um grande homem”. Embora a ex-presidente Dilma não tenha explicitado em termos a palavra “grande” como adjetivo de “mulher”, poderíamos, então, afirmar que a real estratégia enunciativa seria a de salientar um *ethos* político bastante pertinente no contexto de uma data histórica do país, isto é, a vitória de uma mulher que chegou ao patamar máximo do poder Executivo, no país.

O CASO DA PALAVRA MUDANÇA: AS CONSTRUÇÕES ANAFÓRICAS COMO EFEITOS DE DOMINAÇÃO POLÍTICA

A enunciativa política, Dilma Rousseff, construiu seu discurso, em função das emoções, como ponto de estratégia de dominação política, onde o orador se espelha no outro para construir seu discurso, conforme teoriza Charaudeau (2007).

A seguir, veremos em outros enunciados do discurso de Dilma Rousseff algumas construções anafóricas que denotam uma espécie de musicalidade enunciativa. A princípio, vale salientar, aqui, que os derivados do verbo mudar, no discurso de DR, serviram de mote discursivo, no início do DTP de Luís Inácio Lula da Silva em 2003 (“mudança” a esperança venceu o medo”). Questões histórico-políticas à parte, embora importantes, vejamos, portanto, as construções anafóricas pronunciadas no discurso anterior à vitória de Dilma Rousseff:

Se eleita presidente, vou liderar sem descanso (...).

Para o Brasil seguir mudando para melhor é fundamental promover um salto de qualidade na assistência universal promovida pelo SUS.(...).

Para o Brasil seguir mudando para melhor precisamos investir ainda mais em PESQUISA, INOVAÇÃO E POLÍTICA INDUSTRIAL. (...).

Para o Brasil seguir mudando, e a vida do seu povo ficar cada vez melhor, é preciso investir em SEGURANÇA PÚBLICA. (...). Mas vamos vencer esta guerra. E vamos vencer como venho dizendo, com apoio, carinho e autoridade. (...)

Para o Brasil seguir mudando, é preciso assegurar a estabilidade e continuar as reformas que melhoram o ambiente econômico, em particular a REFORMA TRIBUTÁRIA.

É possível atestar, claramente, o gerúndio do verbo mudar: “mudando”, em construções anafóricas, presentes em grande parte dos enunciados da ex-presidente Dilma Rousseff. Esse modo enunciativo tem como objetivo abalizar estratégias linguísticas, em uma relação socio-comunicativa com o DTP de Luís Inácio Lula da Silva, no qual foi revelado o real sentido do mote da palavra mudança, pois, segundo o locutor, “(...) a esperança venceu o medo”. Houve, portanto, o intuito de deixar evidente (em seu discurso) que em seu governo a proposta do enunciado “seguir mudando” não seria um

objetivo simplista, senão um objetivo temático, no ato do discurso, para se causar um efeito emotivo em seus eleitores.

No final da sua exposição, a enunciadora salienta um *ethos* de confiança e idoneidade política, após os agradecimentos, quando diz: “E rumo à vitória para o Brasil seguir mudando!” Embora a palavra vitória tenha um valor semântico que foi todo construído com estratégia, quando finalizou seu discurso tomada de posse, não será, aqui, analisada. Portanto, em ambas as pronúncias, foi precisamente verificado o valor enunciativo de dois *ethè* oficiais brasileiros, quer fosse ao nível da Língua, quer fosse ao nível do Discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo propôs-se abordar alguns aspectos ao nível linguístico e discursivo, como forma de dominação política, através de enunciados de dois discursos oficiais pronunciados no Brasil, nomeadamente de dois ex-presidentes da República, Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Ao perscrutarmos o sentido da palavra mudança e de alguns derivados do verbo mudar, foram verificadas, analogamente, intenções estratégicas com o objetivo de valorizar diferentes palavras, através das emoções, no âmbito da argumentação persuasiva, mas também como essa analogia consistiu num dialogismo enunciativo entre os dois discursos. Como já foi citado, no enquadramento teórico, Maingueneau (2007, p. 240) diz que “o discurso também pode ser portador e desencadeador de sentimentos ou emoções”. E é exatamente por meio do ato de linguagem que se confirma o “agir sobre o outro”. No DTP de Lula verificou-se o uso constante da palavra *mudança* como uma forma de levar o interlocutor a entender as razões pelas quais ele foi eleito, o que se pode verificar também no discurso da Câmara dos deputados anterior à vitória eleitoral de Dilma Rousseff, que, para além de ser carregado de emoções, valorizou um discurso feminista, deixando claro que o seu companheiro de partido político venceu para mudar, mas a verdadeira mudança seguiria com ela, uma mulher “com a capacidade de ser e de fazer” na política brasileira. O real sentido estratégico da palavra mudança foi confeccionado ao nível da Língua e do Discurso ratificando a ideia de Charaudeau (2012, p. 255) de que o agir sobre o outro não é um fim com objetivo simplista, uma vez que “o fim se acompanha de uma exigência: a de ver uma intenção ser seguida de um efeito”.

REFERÊNCIAS

- Adam, Jean-Michel. (2010) *Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações*. Ute Heidmann, Dominique Maingueneau; tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luís Passegi (orgs). – São Paulo: Cortez.

- Alexandre, JR. M. (1990). *Argumentação Retórica em Filon de Alexandria*. Lisboa: Instituto Nacional de investigação científica.
- Alfaia, Dayse. (2016). *Como argumentam os políticos: estratégias linguísticas e discursivas*. Lisboa: Edições Colibri.
- Amossy, Ruth. (2007) *O lugar da argumentação na Análise do Discurso: abordagens e desafios contemporâneos*. Tradução Adriana Zavaglia. Universidade de Tel-Aviv, pp. 121-145.
- Aristóteles. (2005). *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse, Alberto e Abel do Nascimento Pena. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Charaudeau & Maingueneau. (2012). *Dicionário da Análise do Discurso*. Coordenação e tradução de Fabiana Komesu. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2012.
- Charaudeau, Patrick. (2012) “O Discurso Político”. *Análise do Discurso: GÊNEROS, COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE*. Cap. 19. Tradução de Wander Emediato. Universidade de Paris XIII, pp 251-268.
- _____, “Patrick. (2007). *Pathos e discurso político*”. In Lucia Machado, William Menezes, Emilia Mendes (org.). *As Emoções no Discurso*, vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 240-251.
- Maingueneau, Dominique. (2005). *Gênese dos Discurso*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, ISBN 85-8814-131-0.
- Perelman, Chaim & Olbrecht-Tyteca, Lucie. (2005). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução Eduardo Brandão] 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes.
- Rabatel, Alain. (2016). *Homo Narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise*; tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto; revisão técnica João Gomes da Silva Neto. – São Paulo: Cortez.

Webgrafia

www.institutolula (15-01-2015)

<http://blogs.odiarior.com> (03-01-2011)

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Índice Remissivo

A

Acción semio-técnica 115, 117, 118, 119, 121

Alícia Vega 243, 244, 245, 246, 247, 252

Alteridade 91, 93, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 210, 211, 212, 214, 224, 250

Análise de Discurso Crítica 1, 2, 7, 19

Análise do Discurso 8, 20, 22, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 47, 65, 81, 83, 84, 86, 90, 125, 126, 128, 135, 173, 174

Argumentação 14, 16, 17, 32, 34, 35, 41, 46, 47, 101, 125, 127, 136

Autoconfiguración 200

C

Cacaso 173, 174, 175, 176, 182, 185, 189

Cinema 102, 104, 184, 185, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Cinema e Educação 243

Coluna de opinião 124

Competência discursiva 20, 23, 25, 26, 28, 30, 126

Crônica literária 219, 222, 229, 233

D

Dialogismo 22, 46, 91, 93, 94

Dictadura 200, 201, 202, 203

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 53, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 142, 146, 158, 164, 175, 176, 177, 183, 189, 203, 211, 214, 216, 227, 237, 246

Discurso constituinte 20, 21, 26, 31

Discurso político 7, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 65, 66, 69, 80, 90

Discurso religioso 20, 26, 31

E

Educação estética cinematográfica 243

Espaço Escolar 159, 260

Estilística 149, 156, 158, 173, 174, 175, 176, 189

Ethos 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 64, 113, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

F

Facebook 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 79, 80, 146

Futebol 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

G

Gênero 4, 5, 10, 22, 37, 47, 70, 75, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 133, 136, 139, 142, 144, 148, 150, 156, 163, 171, 176, 177, 180, 200, 201, 202, 203, 212, 215, 226, 227, 241

Grupo Escolar 173, 174, 177, 180, 181, 184, 185, 187, 188

H

História das Mulheres Latinoamericanas 243

I

Identidades 5, 8, 12, 13, 19, 33, 38, 41, 42, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 90, 129, 138, 143, 144, 146, 152, 162, 165, 182, 190, 191, 197, 198, 211, 213, 214, 234, 236, 238, 239, 242, 262

Identidade Sonora 234

Interculturalidad 48, 49, 50, 53, 54, 55

Interculturalidade 49, 208, 209, 217, 242

Intolerância Religiosa 2, 5, 6, 18

J

João Antônio 190, 191, 192

K

Kichwa 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

L

Leitura compartilhada 219, 220, 230

Linguagem 19, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 65, 73, 79, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 135, 151, 155, 163, 164, 170, 178, 184, 212, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 248, 249, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261

Literatura 83, 97, 98, 108, 151, 158, 161, 171, 179, 190, 191, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 222, 224, 228, 230, 231, 232, 233, 242, 245

M

Manoel de Barros 159, 160, 161, 165, 166, 170, 171, 172

Martín Kohan 200, 201, 202

Modernidade 90, 139, 148, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 239, 242, 262

Modos de operação ideológica 1, 2, 5, 8, 9, 18

Mudança 16, 19, 32, 40, 41, 43, 45, 46, 85, 86, 97, 133, 139, 164, 191, 192, 195, 196, 229, 234, 235, 239, 257

Música armorial 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Música em Pernambuco 234

P

Plurilinguismo 208, 213, 214, 218

Poema e poesia 149, 156

Poema metalinguístico 149

Prácticas agrarias 111, 115

Protagonismo leitor 219

R

Redação do Enem 91, 92, 93, 101, 102, 107, 108

S

Semiótica del espacio 110, 111, 112, 116, 121, 122, 123

Sociedade 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 40, 41, 47, 69, 70, 85, 86, 102, 103, 104, 105, 129, 137, 138, 142, 143, 147, 148, 159, 162, 192, 193, 210, 211, 212, 216, 217, 228, 239, 246, 247, 253, 254, 255, 257, 258, 261

T

Texto literário 159, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 208, 211, 212, 219, 222, 223, 224, 231, 232

Torcida 28, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148

U

Urbano 12, 190, 191, 192, 193, 196, 198

Uso de tecnologia 81, 83, 89, 90

W

WhatsApp 81, 82, 83, 87, 88, 89



**EDITORA
ARTEMIS**